

+mmuseu

Boletim do Museu Municipal de Palmela | n.º 21 - maio/outubro 2020

Editorial

Neste período em que os dias e as semanas passam sem que tenhamos acesso à vida como a conhecemos, perguntamo-nos quando nos será possível voltar a percorrer os caminhos que são nossos, quando é que voltaremos a abraçar, diluindo a palavra saudade? E regressaremos ao mundo que existia, valorizando mais a vida, ou continuaremos confinados entre muros de cautelas e contenção?

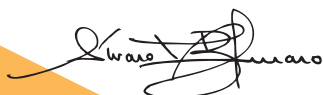
No dia em que vos escrevo este editorial, o país encontra-se em Estado de Emergência e a incerteza prevalece. É, no entanto, plausível que, aquando do lançamento deste Boletim, tudo tenha mudado. É, por isso, importante (fundamental até), que a par dos esforços que visam dar resposta às necessidades prementes provocadas por esta situação, possamos continuar a desenvolver os projetos em que estamos envolvidos, mantendo alguma normalidade. Divulgar o nosso Património - que continua, e continuará, a ser Património, matéria e imaterialidade, testemunho do longo percurso da Humanidade no planeta - oferece-nos o sentido de pertença a um lugar e a uma comunidade, independentemente dos tempos em que vivemos.

Nesta edição damos conta de duas exposições temporárias que inauguraram no início deste ano: «O Alfaiate – uma coleção de Vitor Gaspar» e «Hermenegildo Capelo – Foi aqui q'eu nasci». Da primeira fazemos um balanço, visto que terminou no final de fevereiro, e convidamos a uma visita à segunda, assim que o acesso ao edifício seja retomado, para (re)descobrir a vida de aventuras de um dos nomes mais destacados de Palmela.

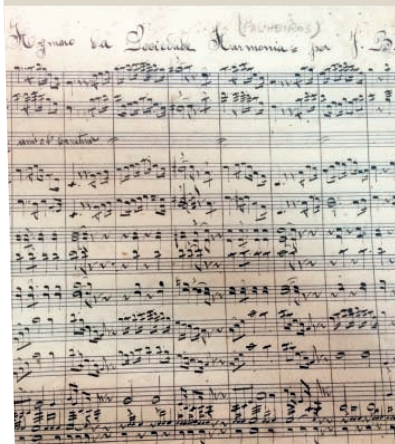
O início do ano, embora veloz, permitiu-nos, ainda, concretizar as Jornadas Internacionais de Arqueologia «TERRA, PEDRAS E CACOS DO GARB AL-ANDALUS», organizadas em parceria com o grupo CIGA e presentes, também, nesta edição.

No âmbito da investigação, apresentamos dois artigos. Um sobre aspetos da evolução urbana da vila de Palmela, a partir da análise de uma planta de 1806, que permitiu tirar algumas ilações importantes para o conhecimento e compreensão deste território. O segundo sobre Música, resultado de uma investigação decorrida em 2019, sobre o associativismo musical no concelho até à década de 30 do século passado, e que parece vir corroborar a ideia de que «Palmela é Música», há muito tempo. Desejo-vos saúde, resiliência e as melhores leituras!

O Presidente da Câmara



Álvaro Manuel Balseiro Amaro



Em investigação

«Palmela é Música», há muito tempo.

No âmbito do projeto «Palmela é música» decorreu uma pesquisa com o objetivo de resgatar nomes, acontecimentos e espaços que fizeram parte da prática musical do atual concelho de Palmela, entre o século XVI e a década de 30 do século XX. Esta pesquisa documental e arquivística pretendeu reaver a memória musical mais distante deste território. Memória histórica mais difícil de aceder pelas pesquisas antropológicas e baseadas na história oral que se vêm desenvolvendo, por ser temporalmente mais difícil de alcançar através das *memórias dos vivos*.

Partindo de uma recolha documental assente no Arquivo Distrital de Setúbal, no Arquivo Municipal de Palmela e nos arquivos das sociedades filarmónicas do concelho, nomeadamente da Sociedade Filarmónica Humanitária, da Sociedade Filarmónica Palmelense “Os Loureiros”, da Sociedade de Instrução Musical e da Sociedade Filarmónica União Agrícola, procurou-se inventariar instituições e grupos ligados à prática musical amadora ou profissional, identificar espaços onde se fazia música – festas, romarias, procissões, igrejas, sedes associativas, coretos, etc. - e, simultaneamente, catalogar eventos musicais acontecidos durante o período cronológico referido, protagonizados pelas gentes desta região de que as fontes arquivísticas dão nota e prova.



PT/AMPLM/AAE/SIM/01/08/0001

[década de 1920]

Grupo “Só-li-do”

Imagem cedida pela Sociedade de Instrução Musical

Neste pequeno texto pretende-se, somente, com base em dados preliminares dessa investigação, dar notícia de alguns aspetos acerca do papel da música como motor e reflexo das práticas culturais e sociais das comunidades deste território.

Os números resultantes da recolha são, por si só, demonstrativos da importância que a prática musical, como fenómeno cultural, artístico e social, teve entre as gentes que por aqui viveram, mas também da cronologia longínqua da práxis musical no atual concelho de Palmela. Foram inventariados 18 grupos - círios, agrupamentos de gaiteiros, sociedades filarmónicas, grupos musicais e cénicos... - uns mais enquadrados institucionalmente do que outros, que se dedicaram à prática musical. Tal como o *Círio das Palmeloas*, formado exclusivamente por mulheres que, entre os séculos XVI e XVIII, no segundo domingo do mês de outubro «se deslocava de Palmela para o Santuário da Penha de França, em Lisboa.»¹ Ou o *Círio da Carregueira* que o jornal A Época, de 31 de agosto de 1902, descreve como sendo constituído por um «homem da gaita de foles, acompanhado por outros que tocavam bombo e tambor (...) [seguidos de] cavalleiros conduzindo 19 bandeiras e grande numero de romeiros.»² Identificaram-se 712 pessoas, desde músicos/as, instrumentistas, maestros, cantores/as, autores/as de operetas, mestres de capella, regentes de bandas ou de coros, que de forma mais amadora ou profissional deram corpo e vivacidade à música deste concelho. Catalogaram-se 215 eventos musicais ou musicados - bailes, concertos, missas cantadas, operetas, procissões, romarias, teatros musicais e outros acontecimentos em que a música era parte fundamental. Como a atuação de um «ordinário de cornetas»³, que tocou numa tourada realizada no Largo de São João, em junho de 1866, ou a atuação de todas as sociedades filarmónicas de Palmela na festa de recolocação do pelourinho da vila, no Largo Duque de Palmela, em fevereiro de 1908.⁴



PT/AMPLM/CF/UIMM/0014/0001

[década de 1910]

Grupo cénico da Sociedade Filarmónica Humanitária de Palmela nas escadas das ruínas do Convento da Ordem de Santiago, atual Pousada de Palmela

Imagem cedida pela Sociedade Filarmónica Humanitária

A Ordem de Santiago e as igrejas vs. Círios e romarias populares

O ensino de música tem raízes profundas em Palmela. A primeira referência documental remonta a 1593, quando a «*Ordem de Santiago fundou uma escola de música religiosa, cujo primeiro professor conhecido foi Estevão Correia.*»⁵. De facto, as referências documentais históricas indicam que muita da prática musical institucionalizada teria inicialmente um enquadramento essencialmente religioso. Não só com a existência da escola de música da Ordem de Santiago, mas também através das ordenações régias que revelam, até meados do século XVIII, a nomeação de clérigos para os cargos de *mestre da capella*, de *organista* e de *tangedor de órgãos* das igrejas de São Pedro e de Santa Maria do Castelo da vila.

Sousa Viterbo, no seu opúsculo *A Ordem de Santiago e a Música Religiosa nas igrejas pertencentes à mesma Ordem*, refere que «*uma das feições características [desta Ordem] era a difusão do ensino musical*» e que, muito embora esta prática servisse para «*alimentar o culto religioso, (...) nem por isso deixava de inferir poderosamente no espírito público.*»⁶ Esta convivência quotidiana pode constituir uma das explicações para a referência a vários círios e grupos de gaiteiros no concelho de Palmela. As descrições da participação destes grupos em romarias anuais, como a de N. Sra. da Atalaia, de N. Sra. do Cabo Espichel, de N. Sra. da Arrábida ou de N. Sra. da Penha de França, revelam uma prática musical que extravasava o âmbito letrado e/ou religioso, tendo também um carácter eminentemente amador e popular que envolvia diversos grupos sociais – proprietários, lavradores, jornaleiros rurais e artesãos; homens e mulheres; adultos e crianças...



PT/AMPLM/CF/JALB/JALB000023
Círio da Quinta do Anjo a caminho da Atalaia
Coleção José Artur Leitão Bárcia

A utilização da música em contextos e acontecimentos sagrados em simultâneo com momentos e festividades mais populares e profanas mantém-se e perdura pela época contemporânea. Quando o exercício musical amador e o ensino da música se alarga socialmente pela mão das sociedades filarmónicas, a igreja de São Pedro, igreja matriz de Palmela, mantém-se como um dos espaços de prática musical. Foi, de facto, nas missas cantadas e outros ritos e festividades católicas que lá tinham lugar, que aparecem as primeiras mulheres identificadas como praticantes musicais, integrando o coro.

Associativismo musical e os coretos

Em Portugal, do final do século XIX e início do século XX, assistiu-se ao crescimento do associativismo civil ligado à música, conduzindo a um envolvimento mais permanente das populações na prática musical, sendo o exercício musical voluntário fora dos ambientes eruditos visto, à época, como motor de sociabilidade e instrução das comunidades.

No concelho de Palmela também se assistiu a este fenómeno nacional e europeu. O surgimento de várias sociedades filarmónicas - que funcionavam (e funcionam) como importantes polos culturais, de execução coletiva, divulgação e ensino da música - potenciou o alargamento da práxis musical e a diversificação de reportórios, espaços e acontecimentos em que a música desempenhava um papel fundamental.



PT/AMPLM/CF/UIMM/0016/0009

Banda da SFUA, 1927.

Imagem cedida pela Sociedade Filarmónica União Agrícola

Este associativismo musical voluntário manteve-se ativo neste concelho ao longo da contemporaneidade como uma atividade mobilizadora e participada por diversos estratos socioeconómicos da população. Ainda hoje, quatro das sociedades filarmónicas, fundadas entre 1852 e 1921, mantêm-se entidades culturais ativas e dinâmicas, e espaços de ensino, divulgação e prática musical coletiva.

Os coretos, enquanto palco público da difusão da música produzida pelas bandas das sociedades filarmónicas, assumiram-se como símbolo da democratização do acesso à música até à segunda metade do século XX. Assim, também no concelho de Palmela, desde o final do século XIX, que estes se constituíram como espaços de encontro e de festa, acessíveis a toda a comunidade, onde as bandas eram os atores e a música a atração principal.

A construção do primeiro coreto em Palmela, no ano de 1892 – um coreto em madeira construído por iniciativa da Sociedade Filarmónica Humanitária no Largo D. Maria I (a principal entrada na vila, popularmente conhecida como «largo do Chafariz») –, testemunha o objetivo liberal subjacente ao associativismo musical amador de difusão da música fora dos ambientes eruditos. Procurava-se, deste modo, usar a música como motor de sociabilidade e instrução das comunidades desta vila, através de concertos gratuitos das bandas filarmónicas, para um público de todos os estatutos e idades.

De facto, a existência de coretos neste concelho está intimamente relacionada com as suas sociedades filarmónicas. Todos os coretos do concelho, os já desaparecidos e os ainda existentes, surgem da iniciativa de sociedades filarmónicas. A Sociedade Filarmónica

Humanitária, para além do primeiro coreto palmelense datado de 1892, é responsável pelo coreto que existe, desde 1924, no Largo de São João, em Palmela. A Sociedade Filarmónica Palmelense “Os Loureiros” construiu um coreto, em 1921, no Largo 5 de Outubro, em frente à sua sede, que esteve em funcionamento até ser desmontado, em 1957. A Sociedade Filarmónica União Agrícola tem, desde 1927, o seu coreto no Largo José Maria dos Santos, em Pinhal Novo.



Banda da Sociedade Filarmónica Humanitária no seu Coreto e Sociedade Filarmónica Palmelense “Loureiros” a pé. Largo do Chafariz D.ª Maria I em Palmela. Imagem cedida pela Sociedade Filarmónica Humanitária

«Sede da Sociedade» – espaços sociais na vila de Palmela

«Quem tem sido que às solemnidades teem imprimido mais brilhantismo tanto nas religiosas como nas profanas senão sempre as musicas que todo o anno se esfalfam por ensaiar (...) para recreio de todos, tanto nos coretos como nas procissões, arraiais e variados cortejos? São as musicas; sustentadas pelo povo mas mais principalmente pelos próprios músicos (...)! Vivam as Phylartmonicas porque sem ellas Palmella seria tristonha e sem valor (...). Manuel Joaquim da Costa - Palmella, 29 de Junho de 1917»⁷

O período da Regeneração e o regime liberal abrem portas a novas formas de vida e de lazer, potenciando um significativo aumento da atividade amadora musical promovida pelas sociedades filarmónicas. Este florescimento do movimento associativo musical português, na segunda metade do século XIX, encetou uma profunda revolução cultural, onde a prática musical se tornou numa das principais formas de sociabilidade organizada.

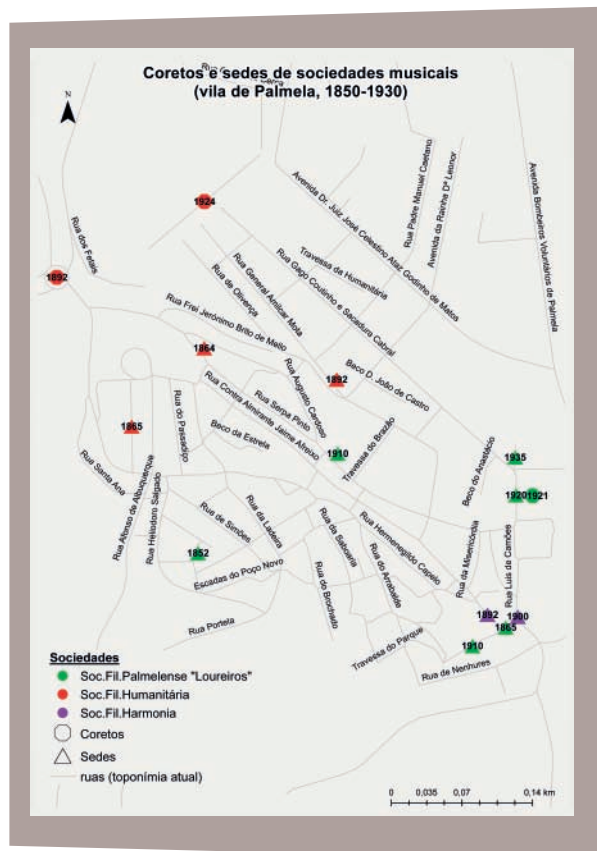
A vila de Palmela e a sua população não ficaram de fora destes novos padrões culturais, em que a música era encarada como mecanismo de implantação de novos costumes culturais necessários à mudança da sociedade. Assim, Palmela inseriu-se, plena e rapidamente, no movimento associativo musical português com a fundação da Sociedade Filarmónica Palmelense “Os Loureiros”, em 1852, da Sociedade Filarmónica Humanitária, em 1864 – estas duas em funcionamento até a atualidade –, e da Sociedade Filarmónica Harmonia, em 1892, que viria a desaparecer em 1910.



Hino da Sociedade Filarmónica Harmonia, Arquivo Histórico da Sociedade Filarmónica Palmelense “Os Loureiros”

Refletindo o espaço urbano, a organização social de uma comunidade, quisemos perceber qual a implantação territorial do associativismo musical nesta vila e se «a rivalidade entre estas (...) sociedades [que conduzia à] divisão da vila entre os adeptos das filarmónicas» se refletia espacialmente. Esta questão conduziu à elaboração de um mapa com a implantação territorial das sedes das Sociedades Filarmónicas e dos coretos existentes na vila de Palmela, entre meados do século XIX e a década de trinta do sec. XX, cujas localizações foram possíveis de apurar.

A implantação associativa, nomeadamente da Sociedade Filarmónica Palmelense “Os Loureiros” e da Sociedade Filarmónica Humanitária – aquelas com mais longa atividade e diversas moradas de sede -, sugere que cada uma das coletividades tivesse diferentes territorialidades de influência. A distribuição das sedes, onde decorriam tanto os ensaios das bandas filarmónicas como espetáculos e muitos dos bailes, e a localização dos seus coretos, insinuam uma «geografia» associativa diferenciada no interior da vila. A Palmela da «Sociedade dos Morgados», nome pelo qual era conhecida a Sociedade Filarmónica Palmelense “Os Loureiros” nos seus primeiros anos, e que reflete a origem socioeconómica dos seus fundadores, localizava-se mais próximo do centro do poder administrativo – Paços do Concelho – e do núcleo primordial da vila. A Palmela dos «caceteiros», nome popular da Sociedade Filarmónica Humanitária cujo «epitheto proveio de, em certa época andarem em grupos pelas ruas, de várapau»⁹, movia-se na área mais afastada dos espaços do poder civil e religioso da vila e cujo crescimento urbano foi mais tardio.



O estudo e fundamentação do papel que a música teve no envolvimento e desenvolvimento social e cultural da população do atual concelho de Palmela, requer uma análise mais aprofundada e articulada com a história local – urbana, política e social. Só assim se poderão desvendar mecanismos que conduziram à manutenção e enraizamento de práticas musicais tão diversificadas com longa duração.

Particularmente no que diz respeito ao associativismo musical, importa compreender os processos que suportaram o surgimento de um movimento filarmónico tão rico neste território, algo comum no movimento filarmónico português entre final do século XIX e início do século XX. Mas também, e já não tão comum ao quadro geral português, as particularidades locais deste território e suas comunidades que possibilitaram a subsistência e importância social e cultural, que as sociedades filarmónicas e musicais mantêm até hoje.

Ana Alcântara, Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Setúbal
Instituto de História Contemporânea (Nova-FCSH)

¹ Arquivo Distrital de Setúbal, Fundo Almeida de Carvalho, cx.22 doc.2

² A Época, 31 de agosto de 1902, p. 3

³ COSTA, Manuel Joaquim da, História das músicas em Palmela (1852 – 1917), Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, Palmela, 2002, p. 9

⁴ Arquivo Histórico da Sociedade Filarmónica Palmelense, Biografia de Manuel Joaquim da Costa.

⁵ COSTA, Albérico Afonso, História da Cronologia de Setúbal. 1248-1926, Estuário / IPS-Escola Superior de Educação, Setúbal, 2011, p. 48

⁶ VITERBO, Sousa, A Ordem de Santiago e a Música Religiosa nas igrejas pertencentes à mesma Ordem, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1912, p. 5-6

⁷ COSTA, Manuel Joaquim da, História das músicas em Palmela (1852 – 1917), Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, Palmela, 2002, p. 15

⁸ Região de Palmela. Memória do tempo dos nossos avós, Palmela, Escola Secundária de Palmela / Região de Turismo de Setúbal, 1988, p. 74

⁹ COSTA, Manuel Joaquim da, História das músicas em Palmela (1852 – 1917), Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, Palmela, 2002, p. 5

Particularidades do tecido urbano de Palmela Antiga

Os centros históricos são como palcos onde assistimos a constantes e seculares transformações, protagonizadas pelos seus habitantes, fruto da adaptação do espaço às necessidades do momento. As permanentes construções e demolições deixam, muitas vezes, materializadas no tecido urbano 'cicatrices' de anteriores edificações, hoje completamente imperceptíveis no local.

A busca pelo conhecimento da evolução urbana é dos temas mais apaixonantes para qualquer investigador, estimulado pela descoberta de particularidades que permanecem escondidas no urbanismo e pela partilha de informação junto da população. Parte da comunidade é agente activa desses espaços, os quais assume como sendo sua pertença, reconhecendo a importância da salvaguarda da herança histórica e das identidades que os mesmos comportam.

Por outro lado, a variedade de fontes documentais disponível contribui para uma investigação mais enriquecedora. A documentação escrita, aliada a outros conhecimentos pluridisciplinares: as fontes orais dos habitantes mais idosos, as fotografias antigas, a arquitectura, a arqueologia, a toponímia, têm um forte contributo na reconstrução desta memória.

Os estudos realizados sobre o núcleo urbano histórico da vila de Palmela dão-nos uma leitura ainda embrionária, sobre a evolução da sua morfologia ao longo dos séculos, traduzindo os resultados da acção humana neste lugar, tantas vezes ocupado e transformado.

Conhecemos pouco do burgo antigo de origem islâmica. Porém, sabemos que foi estruturado em função dos ritmos de construção, crescimento e alterações do Castelo de Palmela (Santos, 2012; Fernandes, 2004 e 2012), não obedecendo propriamente e, contrariamente a outros núcleos urbanos, a diretrizes específicas de projeção, para as primeiras construções, que foram organizadas segundo vias paralelas à cerca moura (Fernandes e Carvalho, 1997: 221-241). Atualmente, estes eixos primitivos ainda parecem manter-se paralelos à muralha do castelo, como a Rua de Nenhures e a Rua do Castelo, que são atravessadas por estreitas e sinuosas travessas, becos e escadas, pátios e muros densos, que lhe conferem alguns elementos característicos do urbanismo muçulmano (Rosendo, *et al.*, 2010; Nunes e Porfírio, 2019).

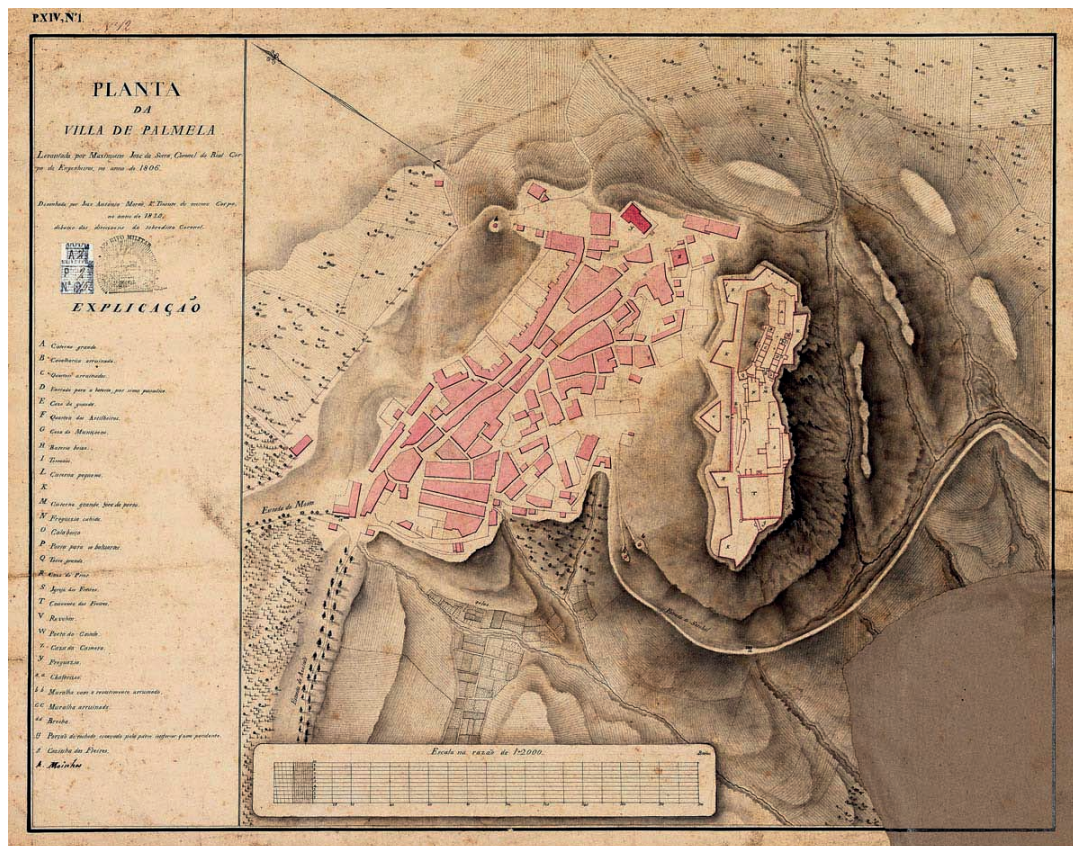


Fig. 1 - Planta da Villa de Palmela levantada por Maximiano José da Serra em 1806 - cota: 3107-4-47-63 DSE CRT/2003 - - Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército

O presente texto teve por base a análise de uma planta antiga da vila de Palmela, levantada por Maximiano José da Serra, em 1806 (Fig. 1), e o exercício de comparação da sua configuração actual (Fig. 2), lendo e descodificando os traçados viários, as formas dos edifícios, os materiais e técnicas construtivas aplicadas, as imagens antigas. Esse documento, depositado na Biblioteca do Exército, tem um grau de rigor no registo que nos permite abordar, com algum pormenor, a configuração do Centro Histórico de Palmela nos últimos dois séculos e tecer algumas conclusões sobre a evolução urbana deste núcleo. Em termos gerais, numa primeira análise, ficamos com uma ideia muito bem definida da vila no final da Idade Moderna. O burgo era acedido por quatro caminhos: a estrada de Azeitão, a estrada da Moita, o caminho do Samouco (não abrangido na presente carta, sendo feito pelo lado norte) e a estrada de Setúbal. A última mandada calcetar por ordem de D. Jorge - o último mestre da ordem de Santiago - durante a 1.ª metade do século XVI. É conhecida localmente como «estrada romana» (sem correspondência histórica), que ligava Palmela a Setúbal, atravessando os termos das duas vilas, desde a Baixa de Palmela ao antigo matadouro, localizado na Portela e que conduzia ao Rossio. Comprova-se que, no início do século XIX, ainda não estava construída a estrada da cobra, nem a actual estrada para Setúbal, que sai junto do Chafariz D. Maria I e segue pelo lado Norte, pela Quinta das Façalvas e Volta da Pedra (actual EN 379).

Encontramos destacado em Costa, J. (2016), o facto de Palmela se encontrar no caminho da «estrada real», afirmando-se como ponto de passagem na rota comercial da comarca de Entre-Tejo-e-Odiana até Lisboa, como referido num documento histórico enviado à Câmara de Palmela, no ano de 1443.

A configuração da malha urbana de Palmela, no final da época Moderna, mantém, na generalidade, a mesma estrutura comparativamente com a respectiva área na actualidade, alinhada pelos três principais eixos viários: a Rua Hermenegildo Capelo (conhecida como a Rua das Águas Russas ou Corredoura), a Rua Contra-Almirante Jaime Afreixo (antiga Rua Direita) e a Rua Serpa Pinto (possível Rua do Ouro), que unem a principal 'porta' da vila, no chafariz, ao topo da urbe, na zona dos Paços do Concelho.

Numa análise mais atenta confirma-se que a zona mais a sul da vila, na zona do Rossio - o Largo D. João I -, o lado poente do Arrabalde e a bordadura da Rua Heliodoro Salgado - um dos primitivos eixos de acesso à vila -, assim como o limite poente do Largo Marquês de Pombal (Largo de São Sebastião) e parte da Rua Almirante Reis não tinham ainda o edificado e estrutura urbana bem consolidados, como agora conhecemos. Os quarteirões a norte, mais ortogonais e delimitados, grosso modo, pela

Rua General Amílcar Mota e Rua Gago Coutinho e Sacadura Cabral, compõem-se de construções mais recentes, algumas bem representativas de Arte Nova - finais do século XIX e inícios do século XX -, outras possuindo algumas das principais adegas construídas de raiz. À época da Idade Moderna, estas áreas limítrofes seriam campos agrícolas mais próximos da população, «entre vinhas, olivais e terras de cultivo, a principal produção era o cereal» (Nunes e Porfírio, 2019:12), não fossem áreas ainda hoje conhecidas por «terras do pão», integradas no Reguengo dos Fetais, propriedade rural da Ordem de Santiago referida nas Visitações de 1510 e 1534 (Alves, 2011).

Na Planta da Vila de 1806, é evidente a existência de duas antigas ruelas, entretanto integradas no domínio privado, fazendo hoje parte do casario: um primeiro caso na Rua Augusto Cardoso com o ponto de junção das Ruas do Passo da Formiga e D. João de Castro à Rua General Amílcar Mota (Fig. 2:1) e a segunda ruela situada numa curva da Rua das Varandas para a Rua Hermenegildo Capelo (Fig. 2:2).



Fig. 2 - Representação do urbanismo de Palmela de 1806 sobre fotografia aérea actual. 1 e 2 - antigos caminhos públicos suprimidos; 3 - antigo cemitério no miradouro na Av. dos Cavaleiros de Santiago de Espada; 4 - Ermida de São Sebastião

Recorrendo ainda à interpretação da fotografia aérea, percebemos que no final da Rua Hermenegildo Capelo, no limite esquerdo sentido ascendente, foi acrescentado casario numa zona onde a rua era, outrora, mais larga ou desviada relativamente ao traçado actual (Fig. 3). Este acréscimo deixou uma cicatriz bem visível na divisão predial, sendo corroborada por evidências arqueológicas registadas na Praça do Duque de Palmela (Santos, 2012; Ramos e Porfírio, 2017), as quais nos indicam a presença de construções diversas, datadas do Período Medieval Cristão

e Moderno, no eixo da via e no Largo, onde se ergueu, em 1645, o actual Pelourinho «talvez em substituição de um mais antigo do século XVI» (Rosendo *et al.*, 2010), e a posterior cedência destes espaços para domínio público de modo a alinhar as ligações da referida rua com o Largo. É possível que este acréscimo tenha ocorrido no século XVIII, sugerido por resultados de intervenções arqueológicas, recentemente efectuadas num prédio a tardoz desta área, voltado para a Rua Contra Almirante Jaime Afreixo (Filipe, V. *et al.*, 2019), mas também pela ausência de características arquitectónicas anteriores ao século XIX, neste conjunto edificado a que nos referimos. É evidente que, em 1806, o final da Rua Hermenegildo Capelo já tinha a configuração que tem na actualidade.



Fig. 3 - Acréscimo de casario no final da Rua Hermenegildo Capelo

No miradouro localizado no início da Av. dos Cavaleiros de Santiago de Espada, existia uma construção de consideráveis dimensões e que se estendia pela Alameda Dom Nuno Álvares Pereira (Fig. 2:3), que correspondia ao cemitério que aqui existiu – bem identificado na Planta do Alferes Adido Cohen, datada de 1875 (Nunes e Porfírio, 2019; Fernandes, 2004), posteriormente desactivado durante o século XIX, quando se constrói o outro cemitério no miradouro do castelo (Atrás do Castelo).

Por último, e talvez a particularidade de maior relevância, foquemo-nos agora num pequeno edifício situado sensivelmente a meio do Largo Marquês de Pombal. Corresponde muito certamente à representação da antiga Ermida de São Sebastião, sita no «arrabalde e cabo da vila junto do chafariz sobre as hortas» como medida preventiva a epidemias (Rosendo *et al.*, 2010), entretanto demolida e cuja localização

mais exacta se perdeu (Fig. 4). Apresenta dois volumes (nave e sacristia) e está orientada sentido Poente – Nascente, respeitando a regra canónica estabelecida para a orientação dos templos cristãos. Aliás, as capelas de São Sebastião e de Santa Ana e igrejas de Santa Maria e de Santiago (castelo), são os únicos templos circunscritos à vila que respeitam esta regra. Razões de ordem orográfica, adaptação ao tecido urbano ou mesmo outras que desconhecemos, poderão estar na origem da orientação pouco convencional das igrejas de São Pedro, Misericórdia e capela de São João.



Fig. 4 - Pormenor da representação da Capela de São Sebastião na cartografia de 1806

Entre o final do século XIII e início do século XIV, a construção da Igreja de S. Pedro influencia o desenvolvimento da vila, reconfigurando-a e concentrando em seu redor o centro de poderes político, religioso e jurisdicional. A influência da Ordem na configuração urbana tem sido defendida por diversos historiadores (Costa, 2016; Alves, 2011; Trindade, 2009) e Palmela não terá sido excepção pois, paralelamente à construção da Igreja de S. Pedro, a Ordem poderá ter organizado a rede viária interna e a distribuição do casario e dos espaços, evidenciando as suas funcionalidades, sendo a propriedade privada diminuta, em detrimento do vasto património que a Ordem possuía na vila.

Miguel Correia, Arqueólogo
Michelle Santos, Arqueóloga
Museu Municipal de Palmela

Os autores não escrevem segundo o novo Acordo Ortográfico

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C. V. (2011) - A Propriedade da Ordem de Santiago em Palmela. As Visitações de 1510 e 1534, Coleção Ordens Militares n.º 6. Palmela: Câmara Municipal de Palmela/GESOS, pp. 25-114

COSTA, J. (2016) - Palmela. O espaço e as gentes (séculos XII-XVI). Tese de Doutoramento em História apresentada à FCSH-NOVA, Julho de 2016

FERNANDES, I. C. F. (2004) - O Castelo de Palmela, do islâmico ao cristão, Lisboa: Edições Colibri e Câmara Municipal de Palmela

FERNANDES, I. C. F. (2012) - Palmela Medieval e Moderna: a leitura arqueológica, in FERNANDES, I.; SANTOS, M. (coord.), Palmela Arqueológica no contexto da região interestuarina Sado-Tejo, Palmela: Município de Palmela, pp. 111-132

FERNANDES, I. C. F.; CARVALHO, A. R. (1997) – Abordagem Arqueológica da Palmela Medieval, Arqueologia Medieval n.º 5. Porto: Edições Afrontamento, pp. 221-241

FILIPPE, Vitor; CASTRO, Anabela; CURADO, Tiago (2019) – Relatório Preliminar das Sondagens de Diagnóstico da Rua Contra Almirante Jaime Afreixo, n.º 114 -116, Palmela

NUNES, J. (2013) – Relatório Final das Sondagens Diagnóstico no Âmbito das Obras de Adequação a Uso Habitacional de Edifício, a Estabilização estrutural de Muros e o Aterro de Escavação Junto ao Moinho, na Parcela de Terreno Sito em “Atrás do Castelo”, Palmela, p. 6

NUNES, J.; PORFÍRIO, E. (2019) – Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico do Projecto Arruamentos e arranjos exteriores na Terra do Pão, Palmela

RAMOS, A. C. e PORFÍRIO, E. (2017) – Requalificação urbana do Centro Histórico de Palmela, +Museu, Boletim do Museu Municipal de Palmela, Separata do n.º 17, p.1-8

ROSENDO, M.; PRATA, C.; FERNANDES, I.; SANTOS, M.; SAMPAIO, T.; SOUSA, Z. (2010) – Roteiro da exposição “Patrimónios. Centro Histórico da Vila de Palmela”, Câmara Municipal de Palmela, Palmela

SANTOS, M. T. (2012) – Arqueologia Urbana em Palmela. Balanço das Intervenções de 2009-2012, + museu, boletim do Museu Municipal de Palmela, n.º 15, maio/outubro de 2012. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, pp. 12-17

Trindade, L. (2009) - Urbanismo na composição de Portugal, Coimbra, Tese de Doutoramento apresentada à FLUC, 2009, pp. 169-195

Em destaque

Jornadas Internacionais de Arqueologia em Palmela «TERRA, PEDRAS E CACOS DO GARB AL-ANDALUS»

O Município de Palmela e o Campo Arqueológico de Mértola organizaram, em parceria, as Jornadas Internacionais «Terra, Pedras e Cacos do Garb al-Andalus», com coordenação científica do Grupo CIGA¹ (Cerâmica Islâmica do Garb al-Andalus), que tiveram lugar nos dias 23, 24 e 25 de janeiro no Cine-teatro S. João e no auditório da Biblioteca Municipal, em Palmela.

Com a participação de 114 investigadores (de Portugal, Espanha e França) e mais de 150 assistentes, foi por todos reconhecido o sucesso da realização, sublinhando-se a qualidade das apresentações e o seu contributo para impulsionar a discussão e a investigação histórico-arqueológica sobre o período medieval islâmico no nosso país. Um dos aspetos relevantes desta reunião científica foi a oportunidade criada para a troca de ideias entre investigadores de áreas distintas, como a arqueologia, a história, a história da arte e várias arqueociências. Esta oportunidade sublinhou as vantagens da produção de conhecimento através da interdisciplinaridade, com a partilha de diferentes visões e saberes.

O programa das jornadas organizou-se em quatro sessões temáticas: «Revelações e novas abordagens sobre o Garb no século XXI»; «Arqueologia Preventiva: transformar salvaguarda em conhecimento do Garb al-Andalus»; «O Garb e o Mediterrâneo»; «Da História à Arqueologia e da Arqueologia à História do Garb al-Andalus». A resposta ao *call for papers* foi muito positiva, permitindo agregar ao elenco de conferencistas convidados um conjunto muito significativo de outros investigadores, autores de 41 comunicações e 10 posters.

A primeira sessão centrou-se no estudo das problemáticas da transição da antiguidade tardia para o período islâmico, ao nível da organização e da gestão do território, de aspetos das comunidades moçárabes, da resistência e dos intercâmbios entre muçulmanos e cristãos dos primeiros tempos da presença islâmica no Ocidente Ibérico. Proporcionou sínteses sobre a importância da epigrafia e sobre as técnicas ornamentais em cerâmica islâmica do Garb, mas também deu notícia de novas descobertas: espaços de culto em Silves, um ribat no Alto da Vigia (Sintra), numismas do Emirato na Quinta do Estácio (Beja), registos de atividade metalúrgica em Albalat (Cáceres) e de conjuntos cerâmicos da mouraria de Moura. Esta sessão completou-se ainda com intervenções de outras ciências, mostrando a pertinência dos estudos de arqueometria, de arqueofaunas (igualmente tema de três dos posters) e também de análise de terminologias usadas na investigação arqueológica.



Momento de debate da sessão 1

A segunda sessão, complementar da primeira, teve a particularidade de integrar a revelação de novos sítios registados em situações de arqueologia preventiva. Para além de um ponto de situação da arqueologia funerária islâmica e cristã de Mérida, uma comunicação do Grupo CIGA transmitiu uma panorâmica geral deste tipo de intervenções em Portugal e dos seus resultados. Seguiram-se apresentações de casos (escavações ou achados em contexto de ações preventivas) de Coimbra, Setúbal, Palmela e, em número mais expressivo, de Lisboa. Também os posters tiveram a sua representatividade nesta temática, para Lisboa, Silves, Loulé, Alferce (Monchique) e Bemposta (Penamacor).

A notícia das novas descobertas no castelo de Palmela é indicativa da importância do trabalho arqueológico preventivo para o conhecimento das urbes e do seu território. No âmbito do projeto de «Intervenção de Natureza Estrutural para Evitar Derrocadas na Encosta Sul do Castelo de Palmela», iniciado em 2019, foi possível conhecer mais sobre a história da fortaleza nos finais da ocupação islâmica/inícios da ocupação cristã portuguesa, nomeadamente através da escavação de um conjunto de silos e do subsequente estudo do espólio aí registado.



Apresentação de comunicação sobre as novas descobertas do castelo de Palmela, por Luís Pereira e Michelle Santos

A terceira sessão pretendeu destacar evidências das relações entre o Garb e o espaço mediterrânico, o que foi alcançado ao nível dos testemunhos de circulação das produções cerâmicas, demonstrando ligações com Maiorca, com o Sharq, com outras regiões

do al-Andalus e com o Magreb. Uma das comunicações centrou-se na análise da representação animal e humana sobre vários suportes, essencialmente no al-Andalus, procurando afinidades e diferenças e questionando outros aspetos da representação.



Intervenção de Patrice Cressier sobre questões de imagens no al-Andalus

A quarta e última sessão visou cumprir um dos principais objetivos das jornadas, o de reforçar a pertinência da ligação História-Arqueologia. A intenção foi honrada com interessantes abordagens sobre evidências precoces da presença islâmica no norte peninsular, sobre análise de fontes escritas, de dados arqueológicos e toponímicos para identificação ou confirmação de sítios, de hipóteses sobre a estruturação de áreas de fronteira nos períodos almorávida e almóada, de perceção de quotidianos e de organização das urbes do Garb e seus territórios.



Última sessão das jornadas no auditório da Biblioteca Municipal de Palmela

A sessão de encerramento dos trabalhos contou com uma intervenção do Doutor Cláudio Torres, diretor do Campo Arqueológico de Mértola, que apelou ao estímulo da investigação do período islâmico em Portugal.



Encerramento dos trabalhos com alocução de Cláudio Torres

Em suma, estas jornadas procuraram fornecer uma panorâmica dos resultados dos trabalhos arqueológicos do período medieval islâmico nas últimas duas décadas, sempre que possível em articulação com a análise de textos coevos; discutir o seu contributo para o conhecimento da evolução do território em domínios como a paisagem, o povoamento, a organização dos espaços de poder e dos espaços domésticos, tanto em meio rural como urbano. Sabemos, hoje, mais sobre a vida das populações muçulmanas que habitaram o extremo Ocidente Ibérico durante quase cinco séculos e temos consciência de que isso só foi possível através do incremento do estudo das materialidades.

O programa teórico das jornadas foi complementado com o lançamento do livro «Scripta Manent. Inventário de signos lapidários de Ceuta», da autoria de Gabriel Fernández Ahumada e de Fernando Villada Paredes, e das visitas guiadas a sítios arqueológicos da Baixa de Lisboa. As visitas incluíram o núcleo museológico dos Armazéns Sommer / Lisboa Eurostar Museum, o núcleo de interpretação da Muralha de D. Dinis – Museu do Dinheiro/Banco de Portugal e o núcleo arqueológico da Muralha Fernandina – Corpo Santo Hotel. Os conferencistas e autores de poster puderam ainda desfrutar de uma visita orientada à adega Quinta do Piloto (Palmela).



Visita ao núcleo museológico dos Armazéns Sommer /Lisboa Eurostars Museum (Lisboa)

Este evento científico beneficiou dos apoios da Fundação Millenium BCP, da Fundação para a Ciência e Tecnologia, do CIDEHUS – Universidade de Évora, dos Municípios de Silves e de Tavira, do Banco de Portugal/Museu do Dinheiro, do Corpo Santo Hotel, do Eurostars Hotels, da Neoépica e da Quinta do Piloto.

Isabel Cristina F. Fernandes
GeSos e Museu Municipal de Palmela

¹ Grupo CIGA (Cerâmica Islâmica do Garb al-Andalus): FERNANDES, Isabel Cristina; GOMÉZ MARTÍNEZ, Susana; BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaqueline; GOMES, Ana Sofia; GONÇALVES, Maria José; INÁCIO, Isabel; LIBERATO, Marco; LOPES, Gonçalo; SANTOS, Constança.

Património Local...

Começámos o ano com a inauguração de duas exposições temporárias, o que nos levou por duas frentes de trabalho que incidiram em temáticas absolutamente distintas.

«**O Alfaiate - uma coleção de Vitor Gaspar**», teve início a 10 de janeiro, no Foyer do Auditório Municipal do Pinhal Novo, onde esteve patente até 28 de fevereiro. Surgiu de uma proposta do próprio Vitor Gaspar, alfaiate aposentado, cuja coleção já esteve exposta noutros museus e espaços culturais.

Os ofícios tradicionais, e especificamente os ofícios de alfaiate e de costureira, são matéria com a qual já trabalhámos, nomeadamente no contexto da recolha de património cultural imaterial. Com este projeto quisemos construir uma narrativa ampla, a partir de diferentes abordagens, capaz de tocar vários tipos de público, fazendo também alocar à exposição um espaço para a reflexão social, económica e ambiental.

Os alunos do ensino secundário, após visita orientada, assistiram a um documentário sobre a indústria de reciclagem de roupa na Índia, o que suscitou uma reflexão (entre alunos e professores) sobre os ODS's (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável).

Os museus têm os seus projetos que resultam das áreas de investigação determinadas em função do seu território, das suas comunidades e do seu acervo. É sua função adquirir, conservar, investigar, comunicar e expor o património material e imaterial com fins de educação, estudo e deleite³. Mas não pode deixar de ser sua função assumir que exprime uma determinada leitura do mundo. E esta exposição foi disso exemplo, ao fazer o cruzamento entre a abordagem técnica e patrimonial, com uma abordagem à promoção dos Direitos Humanos e à Sustentabilidade do planeta⁴.

A exposição foi, em sùmula, um desafio direcionado a diferentes gerações e um apelo à criatividade e à adoção de comportamentos sustentáveis.



Inauguração da exposição, Foyer do Auditório Municipal do Pinhal Novo, 10 de janeiro de 2010

Estas várias abordagens deram lugar a um programa de dinamização variado e intenso. Para além das visitas, maioritariamente orientadas pelo próprio Vitor Gaspar, com grande enfoque nas suas memórias e na sua experiência de vida, onde também tiveram lugar pequenas oficinas de corte de fazenda, dirigidas pelo próprio; foram visionados filmes, teceram-se conversas, partilharam-se recordações, simularam-se viagens no tempo. No âmbito do projeto «(A)Linhas – costura Criativa entre Gerações»¹ realizou-se a oficina «Casacos que se reinventam – Territórios Arrábida», em colaboração com a designer de moda, Sandra Santos. O contacto com a Associação Juvenil Odisseia permitiu que o cinema fosse também incluído na programação.

A parceria com o Victoria & Albert Museum possibilitou que num dos painéis estivesse exposto o texto, e a respetiva imagem, de umas calças da coleção Rapid Response Collecting², de uma conhecida marca de roupa, cuja fábrica de produção, Rana Plaza no Bangladesh, colpsou provocando a morte a centenas de pessoas, em 2013.



Vitor Gaspar nasceu em Setúbal, em 1934. Na Academia Maguidal frequentou, em 1957, o curso de Corte de Vestuário de Homem e, no ano seguinte, concluiu, com distinção, o curso de Vestuário Género Alfaiate para Senhoras. Em 1958, em Setúbal, abriu a Alfaiataria Vitor Gaspar, conhecida como uma das melhores da cidade. Encerrou em 1989, numa época em que o pronto-a-vestir se tornou a opção mais económica e rápida para os consumidores. Mais tarde, quando se aposentou, passou a retratar em telas aquilo que do seu ponto de vista corresponde à evolução da alfaiataria, pinturas que fizeram parte da própria exposição. Para além do acervo material, era matéria da exposição um documento audiovisual que resultou de uma entrevista realizada pelo museu ao próprio Alfaiate.

No dia 4 de fevereiro, foi inaugurada a exposição temporária **«Hermenegildo Capelo. Foi aqui q nasci»**, no Espaço Cidadão, data que assinala precisamente o seu dia de nascimento.

Hermenegildo Carlos de Brito Capelo nasceu em 1841, e foi o mais novo dos seis filhos do governador do Castelo de Palmela de então, o major Félix António Gomes Capelo e da sua esposa, D. Guilhermina Amália de Brito Capelo. Três dos seus irmãos tiveram também carreiras científicas bem-sucedidas - Félix António de Brito Capelo (1828-1879), João Carlos de Brito Capelo (1831-1891) e Guilherme Augusto de Brito Capelo (1839-1926).

Em 1855, Hermenegildo Capelo assentou praça na Marinha, terminando o curso quatro anos depois. No último quartel do século XIX, sob a comissão da Sociedade de Geografia, Hermenegildo Capelo integrou duas expedições científicas, cujo objetivo era concluir a Carta da África Centro-Astral. Na primeira, entre 1877

e 1880, acompanhado por Roberto Ivens e Serpa Pinto, que se separou da expedição, exploraram as relações entre as bacias hidrográficas dos rios Zaire e Zambeze. Na segunda, entre 1884 e 1885, o território entre Angola e Moçambique, com intuito de criar um caminho comercial que ligasse estes dois territórios.

Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens escreveram os relatos destas duas expedições intitulados, respetivamente, «De Benguela às Terras de Iaca» e «De Angola à Contracosta».

A exposição apresenta o percurso biográfico desta personalidade, que se destacou pela sua ação exploradora e pelo seu contexto familiar e profissional, salientando algumas das suas particularidades.

Poderá visitá-la até 31 de janeiro de 2021, no Espaço Cidadão (sede da Junta de Freguesia de Palmela, durante o seu horário de funcionamento).



¹ Projeto desenvolvido pelo Gabinete de Projetos Socioeducativos, do Departamento de Educação e Coesão Social da Câmara Municipal de Palmela.

² Esta coleção integra objetos contemporâneos que são adquiridos em resposta aos momentos mais marcantes da história recente, que tocam o mundo do design e da confeção, tornando visíveis verdades sobre como vivemos. (<https://www.vam.ac.uk/collections/rapid-response-collecting>)

³ O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. (Estatutos do ICOM, aprovados pela 22.ª Assembleia Geral, Viena, a 24 de agosto de 2007).

⁴ A este propósito, está em discussão a nova definição de Museu proposta pelo ICOM internacional, cuja votação foi adiada para 2021, dado a falta de consenso sobre um texto que a maioria dos países considera ser pouco direcionado para a especificada do Museus. Uma das questões levantadas é precisamente haver quem considere que é dada primazia a questões sociais, em detrimento do que de facto caracteriza o Museu, enquanto entidade com um papel técnico e patrimonial específico.

Património em documentos...

Denominação: Biface
Proveniência: Lau, Freguesia de Palmela
Inventário: L.2019.01
Matéria: Sílex (Região da Arrábida?)
Técnica: Talhe e retoque
Datação: Paleolítico Inferior – Acheulense
Dimensões: 136 mm (comp.);
83 mm (larg. máxima); 55 mm (esp.)

Biface de formato alongado (amigdalóide), de secção trapezoidal, com a base integralmente talhada e cortante. O gume desenvolve-se maioritariamente no bordo direito e na parte basal; no bordo esquerdo apresenta-se pouco expressivo, mantendo o dorso cortical (resto da superfície original do seixo). A extremidade pontiaguda está partida – acidente na parte terminal, posterior ao seu abandono, atendendo ao grau da patine que se observa na fractura.

A técnica de talhe combina a utilização, num primeiro momento, da percussão directa (batendo pedra contra pedra) para dar a forma/esboço inicial mais grosseiro da peça, e num segundo momento de execução, para um acabamento final mais cuidado, a percussão indirecta, aplicando um percutor elástico (osso ou madeira), sobretudo para realizar alguns retoques mais finos nas arestas e serrilhado do gume, conferindo-lhe maior capacidade técnica e funcional.

Um biface é um instrumento de pedra lascada obtido através do talhe bifacial, bastante característico da Pré-História Antiga, do Paleolítico Inferior (Acheulense). Ferramentas multifuncionais para usar na mão, os verdadeiros «faz tudo», que permitiam aos primeiros Hominídeos (antes ainda do *Homo Sapiens* revolver a terra), debastar madeira e osso, romper ossos ou rasgar articulações para chegar às partes suculentas; fiação a carne e separar a pele ou perfurar materiais vários.

Esta peça representa a mais universal e duradoura evidência da história da humanidade, no território de Palmela, pelos primeiros hominídeos que desde o Paleolítico Inferior percorriam esta área interestuarina Tejo-Sado (bastante mais ampla e complexa do que hoje conhecemos), em busca de alimentação, matérias-primas e abrigo.

«Vida em Palmela há 300 mil anos?», assim começava a notícia sobre o achado ocasional deste biface, por um jovem aluno do concelho, publicada no jornal O Público, a 5 de julho de 1990. Presentemente, as dúvidas apresentadas relativas à proveniência da peça dissipam-se, considerando outros achados coetâneos destes períodos mais



antigos, já conhecidos e inventariados na Carta Arqueológica do Concelho de Palmela, uma ferramenta imprescindível para a gestão e salvaguarda do património arqueológico e do ordenamento do território.

Recentemente, a peça que agora damos a conhecer foi gentilmente doada ao Museu Municipal, integrando, desde 2019, o acervo da colecção arqueológica. Pela sua relevância e antiguidade lança agora novos desafios e perguntas sobre a ocupação humana de Palmela.

Michelle Teixeira Santos, Arqueóloga
Museu Municipal de Palmela

A autora não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico

Para saber mais:

Ribeiro, J. (1990, 5 de Julho) - Vida em Palmela há 300 mil anos? O Público, Local, p. 39. Lisboa.

Em agenda...

EM EXPOSIÇÃO

Até 31 janeiro 2021

Espaço Cidadão – Largo do Mercado, Palmela

Hermenegildo Capelo: «Foi aqui q' eu nasci»

(Se reunidas as condições, face à Pandemia COVID 19, e de acordo com as orientações em vigor)

Entrada gratuita

Horário: 2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª - 8h30-17h30 | 4.ª - 8h30 - 18h30

Org.: Câmara Municipal de Palmela e Junta de Freguesia de Palmela

DIAS COMEMORATIVOS



Maio

6 - **Dia Nacional do Azulejo**

15 - **Dia Internacional da Família**

16 - **Dia Internacional das Histórias de Vida**

18 - **Dia Internacional dos Museus e Noite dos Museus** (data móvel)

Outubro

7 outubro - **Dia Nacional dos Castelos**



9, 10 e 11 | outubro

Arrábida Walking Festival ... no trilho arqueológico

Esta primeira edição vai ser exclusivamente dedicada ao Património arqueológico, sendo Palmela o ponto de partida para percorrer o Parque Natural da Arrábida, de lés-a-lés, e mais de 6 mil anos da sua história.

Programação em: <https://www.biotrails.pt/awf>

Parceria: Biotrails e os Municípios de Setúbal e de Sesimbra

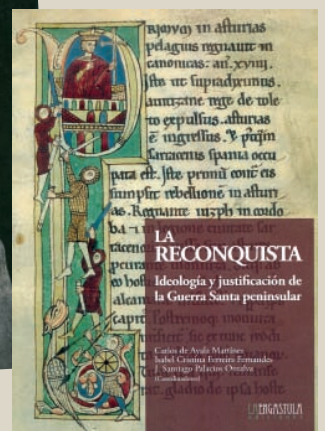
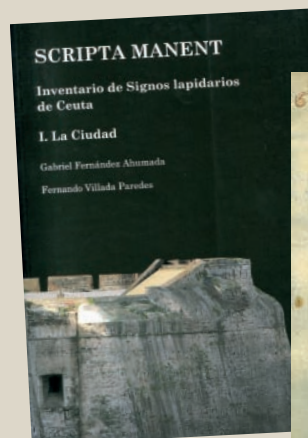
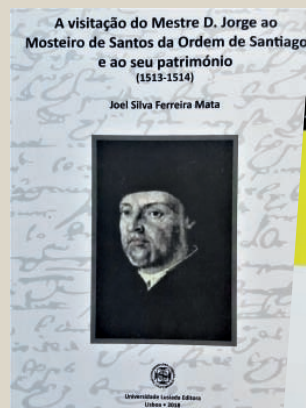
Publicações

MATA, Joel Silva Ferreira - *A visitação do mestre D. Jorge ao Mosteiro de Santos da Ordem de Santiago e ao seu património: 1513-1514*. Lisboa: Universidade Lusíada, 2018

Ordines Militares [periódico] - *Colloquia Torunensia Historica: Yearbook for the Study of the Military Orders* - Vol. 23 (2018). Torún, Polónia: Universidade Nicolau Copérnico

AHUMADA, Gabriel Fernández e VILLADA, Fernando Villada - *Scripta Manent - Inventario de Signos lapidarios de Ceuta / I. La ciudad*. Ceuta: Ciudad Autónoma de Ceuta, 2017

AYALA MARTÍNEZ, Carlos de; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; PALACIOS ONTALVA, J. Santiago (coord.) - *La Reconquista. Ideología y justificación de la Guerra Santa peninsular*. Madrid: Ediciones La Ergástula, 2019



SUMÁRIO

1 | Editorial

2 | Em investigação...

«Palmela é Música», há muito tempo.

Particularidades do tecido urbano de Palmela Antiga

10 | Em destaque... Jornadas Internacionais de Arqueologia em Palmela

«TERRA, PEDRAS E CACOS DO GARB AL-ANDALUS»

12 | Património local... Exposições temporárias

«O Alfaiate - uma coleção de Vitor Gaspar»

«Hermenegildo Capelo. Foi aqui q eu nasci»

14 | Património concelhio em documentos... Biface

15 | Em agenda...

15 | Publicações

CONTACTOS

Museu Municipal de Palmela – Divisão de Bibliotecas e Património Cultural (DBPC)

Câmara Municipal de Palmela

Largo do Município

2954-001 PALMELA

Telefone: 21 233 6640 | E-mail: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Palmela | Coordenação editorial: Teresa Sampaio

Revisão: Rute Regula | Colaboram neste número: Ana Alcântara, Ana Margarida

Bichinho, Isabel Cristina Fernandes, Michelle Teixeira Santos, Miguel Correia,

Paula Lagarto, Rute Regula

Produção: Gabinete de Comunicação | **Design:** Filipa Reis e Moura

Impressão: Regiset | **Código de edição:** 152/2020

(1000 exemplares) | **ISBN:** 927-8497-27-X | **Depósito legal:** 196394/03